



*Violência
e Luto:
uma Epidemia
em meio a Pandemia*

*Organização
Maria Antônia Ramos Costa
Maria da Costa Oliveira Soares*



Editora
MultiAtual



*Violência
e Luto:
uma Epidemia
em meio a Pandemia*

Organização
Maria Antônia Ramos Costa
Maria da Costa Oliveira Soares



Editora
MultiAtual

© 2021 – Editora MultiAtual

www.editoramultiatual.com.br

editoramultiatual@gmail.com

Organizadoras

Maria Antônia Ramos Costa

Maria da Costa Oliveira Soares

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração, Arte e Capa: Resiane Paula da Silveira

Revisão: Respectiveos autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Rícael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Esp. Alessandro Moura Costa, Ministério da Defesa - Exército Brasileiro

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C837v Costa, Maria Antônia Ramos
Violência e Luto: uma Epidemia em meio a Pandemia / Maria Antônia Ramos Costa; Maria da Costa Oliveira Soares (organizadoras).—Formiga (MG): Editora MultiAtual, 2021. 64 p.: il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-995169-6-2

DOI: 10.5281/zenodo.5138703

1. Psicologia. 2. Violência. 3. Luto. 4. Pandemia. I. Soares, Maria da Costa Oliveira. II. Título.

CDD: 363.3

CDU: 159.9

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora MultiAtual
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
www.editoramultiatual.com.br
editoramultiatual@gmail.com

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

AUTORES

AMANDA DOS SANTOS MARTINS

DANIELA DA SILVA DE JESUS

GIZELLE CRISTINA DA SILVA

GLADSTON KOHNLEIN

KARINA CASTILHO CAMPOS ROMANINI

MARIA ANTÔNIA RAMOS COSTA

MARIA DA COSTA OLIVEIRA SOARES

PRISCILA FERREIRA MARTINS

RAQUEL RODRIGUES DOS ANJOS

VALECIR FERREIRA DA SILVA

VERA LÚCIA PIRES DE OLIVEIRA

VIOLÊNCIA E LUTO: UMA EPIDEMIA EM MEIO A PANDEMIA

A pandemia da Covid-19, trouxe muitas mudanças de forma significativa nas relações familiares. Com o distanciamento social, inviabilizou a interação com as pessoas enlutadas, impedindo assim, acompanhar rituais que concretizam a elaboração do luto. Além de algumas etapas desse processo serem suprimidas, com isso, potencializou a angústia e o sofrimento. Quando não se tem um corpo para despedida agrava muito a dor, traz efeitos psíquicos terríveis. Essa sensação de vazio descrita nesse processo de luto, deixa sintomatologia, ganhando mais intensidade nesse momento de inviabilidade de despedidas.

Outra mudança que se agravou com a pandemia da Covid-19, foram os casos de violência doméstica em várias partes do mundo, a recente onda de violência tem produzido dados de feminicídio alarmantes, com essa problemática tem aberto discussões principalmente nesse atual contexto pandêmico. São muitas as faces dessa violência, pois, com o isolamento social as mulheres ficaram mais expostas a agressões verbais e físicas. O mais complicado é que esses agressores pertencem ao círculo social das vítimas. Geralmente essas violências são premeditadas pelo agressor que persegue a vítima. Existe outra questão, o local dessa violência grande parte delas é cometida na própria residência da vítima. A dinâmica dos casos de violência geralmente acontece de forma gradual. Em uma determinada situação essa violência acontece, seja ela psicológica, física, sexual, moral e até mesmo patrimonial. Logo o agressor se arrepende, afirma que não irá se repetir, mas, passados um tempo, o ciclo da violência recomeça.

Maria da Costa Oliveira Soares – Psicóloga

Maria Antônia Ramos Costa – Professora

SUMÁRIO

Capítulo 1 VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: ALERTA NO ISOLAMENTO SOCIAL <i>Maria Antônia Ramos Costa; Maria da Costa Oliveira Soares; Priscila Ferreira Martins; Valecir Ferreira da Silva</i>	8
Capítulo 2 AS CONSEQUÊNCIAS DO LUTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA REFLEXÃO SOBRE O ASSUNTO <i>Gladston Kohnlein; Maria Antônia Ramos Costa; Maria da Oliveira Costa Soares; Vera Lúcia Pires de Oliveira</i>	19
Capítulo 3 VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES: EM TEMPO DE PANDEMIA DA COVID-19 <i>Amanda dos Santos Martins; Daniela da Silva de Jesus; Maria Antônia Ramos Costa; Maria da Oliveira Costa Soares; Raquel Rodrigues dos Anjos</i>	29
Capítulo 4 LUTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: EFEITOS DA COVID-19 <i>Gizelle Cristina da Silva; Karina Castilho Campos Romanini; Maria Antônia Ramos Costa; Maria da Costa Oliveira Soares</i>	39
Capítulo 5 PANDEMIA DA COVID-19: MORTE E LUTO, IMPLICAÇÕES NA SAÚDE MENTAL DAS CRIANÇAS <i>Gizelle Cristina da Silva; Maria Antônia Ramos Costa; Maria da Costa Oliveira Soares</i>	47
Biografias CURRÍCULOS DOS AUTORES	58
As Organizadoras	62



Capítulo 1

***VIOLÊNCIA CONTRA
CRIANÇAS E
ADOLESCENTES:
ALERTA NO
ISOLAMENTO SOCIAL***

Maria Antônia Ramos Costa

Maria da Costa Oliveira Soares

Priscila Ferreira Martins

Valecir Ferreira da Silva

VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: ALERTA NO ISOLAMENTO SOCIAL

María Antônia Ramos Costa

Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Ariquemes-Fiar, Pós-graduada em Supervisão, Orientação e Gestão Escolar pela Faculdade Santo André e Mestre em Ciências da Educação pela Universidad Desarrollo Sustentable–UDS-Assunção/Paraguai. Tutora presencial do Instituto Federal de Rondônia – UBA/IFRO e Unopar – Ariquemes-Rondônia. Professora Docente do Programa de Mestrado e Doutorado da IPE- em parceria com a Amazônia University, Educação Cultura e Sustentabilidade-Estado da Flórida -EUA. ID Lattes: 2148215873821260.

<https://orcid.org/0000-0002-7474-8359>

María da Costa Oliveira Soares

Docente do Ensino Superior em Psicologia pela IESUR—Instituto de Ensino Superior de Rondônia – FAAr – Faculdade associadas de Ariquemes, Psicóloga Clínica, E-mail: MariadaCosta@faar.edu.br

Priscila Ferreira Martins

Graduanda em Psicologia pela IESUR—Instituto de Ensino Superior de Rondônia – FAAr – Faculdade associadas de Ariquemes E-mail: ferreirapriscula602@gmail.com

Valecir Ferreira da Silva

Graduanda em Psicologia pela IESUR—Instituto de Ensino Superior de Rondônia – FAAr – Faculdade associadas de Ariquemes E-mail: valecirferreira63@gmail.com

RESUMO: O isolamento social é identificado, no momento, como a melhor forma para evitar o contágio pelo novo coronavírus. Porém, para alguns grupos sociais, como crianças e adolescentes, isso tem se tornado algo de contradição: o lar, que deveria ser o local mais seguro para eles, também se torna um ambiente frequente de um triste agravo, a violência. O objetivo dessa pesquisa foi realizar uma análise da violência contra criança e adolescente em tempos de pandemia. Este estudo é uma revisão bibliográfica. As principais conclusões evidenciam que, a pandemia do novo coronavírus afetou as crianças e os adolescentes.

Palavras-chave: Violências; Pandemias; Infecções por coronavírus; Crianças; Adolescentes.

ABSTRACT: Social isolation is currently identified as the best way to avoid contagion by the new coronavirus. However, for some social groups, such as children and adolescents, this has become something of a contradiction: the home, which should be the safest place for them, also becomes a frequent environment of a sad injury, violence. The objective of this research was to carry out an analysis of violence against children and adolescents in times of pandemic. This study is a literature review. The main findings show that the new coronavirus pandemic has affected children and adolescents.

Keywords: Violence; Pandemics; Coronavirus infections; Kids; Teens.

INTRODUÇÃO

No dia 30 de janeiro de 2020, foi declarada emergência global de Saúde Pública pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em função do número de países atingidos pelo novo coronavírus, causador da doença COVID-19. Devido ao status de pandemia, muitos países começaram a adotar medidas de proteção contra a propagação do vírus. No Brasil, até o dia 23 de março, a maioria das unidades federativas já havia, pelo menos, limitado a abertura de serviços não essenciais, suspendendo as aulas e iniciando algum modelo de distanciamento social. Embora o distanciamento social seja fundamental para diminuir a contaminação do novo vírus, muitas crianças e adolescentes podem estar enfrentando uma situação de risco aumentado. Isso acontece porque essas crianças e adolescente estão mais tempo em casa com os seus agressores. As crianças e os adolescentes, pelo estágio peculiar de desenvolvimento em que se encontram, são apontados como as vítimas mais vulneráveis à violência; as consequências advindas da sua exposição são, muitas vezes, irreversíveis e resultam em danos físicos e psicológicos, além de prejuízo ao crescimento, desenvolvimento e maturação.

Considerando o fator “violência” percebe-se que no universo infantil são inúmeras violências que assolam as crianças, conforme, destaca o Jornal da USP (2021), onde Juliana Martins Monteiro médica pediatra e coordenadora do Grupo de Atendimento à Violência Infantojuvenil do Instituto da Criança do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP destaca, violência física, sexual, psicológica, por negligência, em situações de ‘bullying’, cyberbullying, (casos de guarda provisória) entre outros como a violência que ocorre no âmbito social, (extrafamiliar) no ambiente

escolar provocando humilhação, agressão, exclusão, discriminação, etc.). Estes eventos podem ser detectados através de escuta ou observação, pois a criança pode apresentar sinais físicos ou comportamento que demonstre as violências.

1.1 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

1. CONCEITO DOS TIPOS DE VIOLÊNCIA

As sociedades têm submetido crianças e adolescentes a inúmeras violências, sendo a de cunho doméstico uma das mais comuns. Trata-se de uma violência intraclasses sociais e que permeia todas as classes sociais.

Segundo Azevedo (1990), a violência doméstica contra crianças e adolescentes: é uma violência interpessoal, intersubjetiva, um abuso do poder disciplinar e coercitivo dos pais ou responsável, um processo que pode se prolongar por meses e até anos, processo de completa objetualização da vítima, reduzindo-a a condição de objeto de maus-tratos, uma forma de violação dos direitos essenciais da criança e do adolescente enquanto pessoas, portanto, uma negação de valores humanos fundamentais como a vida, a liberdade, a segurança; tem na família sua ecologia privilegiada. “Como está pertence à esfera do privado, a violência doméstica acaba se revestindo da tradicional característica de sigilo”.

1.2 VIOLÊNCIA FÍSICA

Corresponde ao uso de força física no relacionamento com a criança ou o adolescente por parte de seus pais, ou por quem exerce de autoridade no âmbito familiar. É o uso da força física como meio de educar. Muitos pais ou responsáveis surram seus filhos porque intendem ser um bom “corretivo”. Acreditam que o fato de terem sido educados de maneira agressiva os tornaram o que são, e assim educam, esquecendo-se das dores que tais atitudes lhes trouxeram e ainda carregam consigo.

Gelles (1979, apud AZEVEDO e GUERRA, 2008) dá a seguinte definição:

Violência física é um ato executado com intenção, ou intenção percebida, de causar dano físico a outra pessoa. O dano físico pode ir desde a imposição de uma leve dor, passando por uma tapa até o assassinato. A motivação para esse ato pode ir desde uma preocupação com a segurança da criança (quando ela é espancada por ir para rua) até uma hostilidade tão intensa que a morte da criança é desejada. (GELLES, 1979, apud AZEVEDO e GUERRA, 2008, p. 35).

A violência física pode ter um conceito amplo e complexo, no entanto, sua intencionalidade e os danos causados por ela traz consequências para quem vive ou já viveu tal experiência. O uso da força praticado covardemente contra crianças e adolescentes pode culminar em graves ferimentos e sequelas às vítimas.

1.3 VIOLÊNCIA SEXUAL

Para Azevedo e Guerra (1988), esta violência configura-se como: "todo ato ou jogo sexual, relação hétero ou homossexual, entre um ou mais adultos e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimular sexualmente esta criança ou adolescente ou utilizá-los para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou de outra pessoa".

O abuso sexual contra criança e ao adolescente é todo envolvimento de uma criança em uma atividade sexual onde não compreende completamente, já que não está preparada em seu desenvolvimento. Não entendendo a situação, a criança ou o adolescente, torna-se incapaz de informar seu consentimento. São também aqueles atos que violam leis ou tabus sociais em uma determinada sociedade.

1.4 VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

É a violência que humilha, rejeita, fere moralmente a criança ou adolescente. Envolve a indiferença a rejeição afetiva. Apresenta-se de várias formas. Também designada como "tortura psicológica", evidencia-se como a interferência negativa do adulto sobre a criança e sua competência social, conformando um padrão de comportamento destrutivo.

Costuma se apresentar associada a outras violências. São seis as formas mais constantemente estudadas por (CLAVES, 1992; GARBARINO e COLS., 1988; RUIZ, (1990) sendo elas:

1. Rejeitar: quando o adulto não aceita a criança, não reconhece o seu valor, nem a legitimidade de suas necessidades;
2. Isolar: o adulto afasta a criança ou o adolescente de experiências sociais habituais à idade, impedindo de ter amigos e fazendo crer que ela ou ele está só no mundo;
3. Aterrorizar: o agressor instaura clima de medo, faz agressões verbais à criança, a atemoriza e a faz crer que o mundo é hostil;

4. Ignorar: o adulto não estimula o crescimento emocional e intelectual da criança ou do adolescente;
5. Criar expectativas irreais ou extremadas sobre a criança e o adolescente;
6. Corromper: ato de o adulto induzir a criança ou o adolescente à prostituição, ao crime, ao uso de drogas.

Esse é a violência da qual menos se fala, embora seja um dos modos mais comuns de dominação dos pais sobre os filhos. Por isso mesmo, é raramente registrado nas instituições que atendem à população infanto-juvenil. Provavelmente, deve a conscientização da cidadania esteja bastante desenvolvida para se poderem reconhecer essas práticas como violência.

1.5 NEGLIGÊNCIA

Caracteriza-se pelo descaso dos pais ou responsáveis para com as coisas que são essenciais para desenvolvimento sadio dos filhos. É o descuido com a alimentação, saúde, higiene, vida escolar, vestuário e outros.

De acordo com Azevedo e Guerra, (1989); Claves, (1992); Ruiz, (1990). Configura-se no comportamento dos pais ou responsáveis quando falham em alimentar, vestir adequadamente seus filhos, medicar, educar e evitar acidentes. Tais falhas só podem ser abusivas quando não são devidas à carência de recursos socioeconômicos.

2. AS CONSEQUÊNCIAS DAS VIOLÊNCIAS CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Conforme o Ministério da Saúde, (2009) a violência pode gerar problemas sociais, emocionais, psicológicos e cognitivos durante toda a vida, podendo apresentar também comportamentos prejudiciais à saúde. Em geral, se manifesta por meio do abuso de substâncias psicoativas, do álcool e outras drogas e da iniciação precoce à atividade sexual, tornando-os mais vulneráveis à gravidez, à exploração sexual e à prostituição.

Os problemas de saúde mental e social relacionados com a violência em crianças e adolescentes podem gerar consequências como ansiedade, transtornos depressivos, alucinações, baixo desempenho na escola e nas tarefas de casa, alterações de memória, comportamento agressivo, violento e até tentativas de suicídio.

E por fim, a exposição precoce de crianças e adolescentes a violência pode estar relacionada com o comprometimento do desenvolvimento físico e mental, além de enfermidades em etapas posteriores da vida, como as doenças sexualmente transmissíveis, a AIDS, o aborto espontâneo e outros.

2.1 REGISTROS DE MAUS-TRATOS CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Segundo os dados do Sistema da Polícia (SISPOL), os registros na Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DEPCA) aumentaram 77,77% no período de 1.º de janeiro até 15 de abril entre os anos de 2020 e 2021. Somente de maus-tratos os registros aumentaram 119,04% em Porto Velho. A Polícia Civil registrou 967 ocorrências de estupro envolvendo vítimas de zero a 65 anos durante o ano de 2020. Desse total, 673 casos foram contra crianças e adolescentes, cerca de 69% do número total.

De acordo com a Secretaria de Estado da Segurança, Defesa e Cidadania (SESDEC), o maior número de estupros registrados no último ano foi contra crianças de zero a 11 anos: um total de 325. outubro foi o mês que mais teve ocorrências de estupros de crianças: 43 casos. Adolescentes fazem parte da segunda faixa etária com mais registros de estupros no ano passado, um total de 348 ocorrências envolvendo vítimas de 12 a 17 anos. Sendo que os meses com mais denúncias foram junho, com 30 vítimas, e julho, com 43.

Veja a tabela abaixo, os dados referentes ao período de 1º de janeiro a 15 de abril dos anos de 2020 e 2021.

NATUREZA DO CRIME	2020	2021	TOTAL
Maus-tratos	21	46	67
Estupro	44	46	90
Lesão corporal	42	37	79
Crimes contra crianças e adolescentes	88	174	252
Outras ocorrências não criminais	57	145	202
Total	252	448	700

Fonte: Crimes contra criança e adolescente no período de 1º de janeiro a 15 de abril dos anos 2020 e 2021 — Foto: SISPOL

Na tabela acima, são os números de ocorrências registrados referentes aos crimes de: maus-tratos, estupro, lesão corporal, crimes contra criança, adolescente e outras ocorrências.

O aumento no número de denúncias se dá pela divulgação dos canais da polícia, a partir do entendimento da vítima quando se depara com uma situação de abuso e compreensão do crime.

3. RESULTADOS DA ANÁLISE

Na tabela acima, com os registros da ocorrência de crimes contra criança e o adolescente, no contexto pandêmico. Observa-se que os crimes contra criança e o adolescentes subiu de um nível ato desde que começou a pandemia do novo coronavírus, entre o período de 1.º de janeiro a 15 de abril dos anos de 2020 e 2021 em um total de (252) denúncias.

Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos contabilizou no ano de 2020, 95.252 denúncias de maus tratos contra crianças e adolescentes, médicos alertam para o aumento de agressões que no ano anterior, (2019) era em média de 86 mil casos de denúncia.

“Fato observado por pesquisadores destacam a relevância do trabalho do profissional professor que no modelo antigo, (presencial) tinham possibilidade de observar”, orientar e proteger as crianças e a partir do modo remoto com aulas virtuais, tem a comunicação e o contato físico comprometido denotando assim que estas crianças estão sofrendo sozinhas, agredidas e torturadas por membros de sua família, (75,9%) sendo que 40% dos casos cometidos pelo pai ou padrasto, conforme Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) também o Sistema Nacional de Agravos de Notificação que relata um aumento significativo gerando em média 243 casos diários. Profissionais da saúde vem desempenhando um papel relevante no combate à violência, detectando e identificando situações suspeitas evidenciando assim a realidade da situação.

Segundo o Jornal Correio Brasiliense a pediatra Luci Pfeiffer (2021), relata que ocorre um quadro crônico de violência infantil, passada de geração para geração e que não escolhe classe social, sendo que a maioria das vítimas são menores de um ano, daí a importância do trabalho dos profissionais da saúde com destaque aos pediatras, na percepção dessas violências.

Ações como a Rede de Ajuda Integrada, Programa de Proteção à Criança e Adolescente Ameaçados de Morte, (PPCAAM) Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINAS) e equipes dos Conselhos Tutelares, são órgãos participantes das ações de ajuda para melhorar a qualidade de vida e assistência infanto juvenil no contexto pandêmico. A Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (2020) estuda o lançamento de um aplicativo “Direito Humanos Kids e Teen”, direcionado para o público infantil com linguagem lúdica e adaptada para a compreensão possibilitando o relato dos fatos.

De acordo com EBC Rádios – (Empresa Brasileira de Comunicação) apenas em 2019 foram mais de 17 mil denúncias de violência infantil, dados que denotam a urgência da implementação do aplicativo previsto para efetivação em 2021 em duas versões, segundo Maria Leolina Cunha, (2020) diretora do Departamento de Enfrentamento de Violência da Criança e do Adolescente. A primeira versão é para crianças de 6 a 11 anos e a segunda dos 12 aos 18 anos e deverá ser disponibilizado de forma gratuita nos celulares pelo sistema Android e disponível 24 horas.

Na busca pelo objetivo principal de fazer com que as crianças ou adolescentes vítimas possam romper a barreira do silêncio e explanar sua problemática, este aplicativo vem recebendo engajamento dos mais variados órgãos como a Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, (ONDH) Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) e UNICEF (Fundo das Nações Unidas para Infância) e destacam que nos últimos dois anos ocorreram mais de 35 mil denúncias pelo disque 100, (Direitos Humanos) o que evidencia a importância de ferramentas de denúncia que realmente venham contribuir para a redução dos números estatísticos de violência e poderem, caso venha ser implantado realmente, ser usado por qualquer indivíduo disposto a colaborar para a prisão dos infratores e consciência de punidade de outros possíveis agressores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto à violência além de retratar a desigualdade, viola direitos e em alguns casos gera impunidade e injustiça. Enquanto isso, buscamos posicionamentos relevantes frente ao tema que nos tragam soluções e ações que visem à prevenção e a proteção para as crianças e adolescentes, muitas delas estão sendo vitimizadas por alguma forma de violência.

Concluimos que a violência vai muito além da relação de forças, e dominação ela envolve omissão, desigualdades e violação de direitos; determinando valores sociais, culturais, econômicos e morais em uma sociedade. É definida historicamente originando a violência estrutural, partindo das suas principais formas que são: a violência física, a violência psicológica, a violência sexual e a negligência originam inúmeras consequências prejudiciais às vítimas.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO MA & Guerra VNA 1988. **Pele de asno não é só história**. Um estudo sobre a vitimização sexual de crianças e adolescentes. Editora Roca, São Paulo. Acesso em 2021.

AZEVEDO, M.A. (1990) **Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes**. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci>> Acesso em: 2021.
CLAVES – Centro Latino-Americano de Estudos sobre Violência e Saúde. **Protocolo de investigação sobre maus tratos na infância e adolescência**. Rio de Janeiro: ENSP-FIOCRUZ/OPAS, 1992.

EBC-RÁDIOS: **Aplicativo para crianças é criado para receber denúncias de violações** - Governo Federal deve lançar aplicativo Direitos Humanos Kids em janeiro de 2021, Publicado em: 2020. Disponível em: <https://radios.ebc.com.br/tarde-nacional/2020/10/direitos-humanos-kids-aplicativo-para-criancas-receberdenuncias-de>. Acesso em: 2021.

IMPACTO DA VIOLÊNCIA NA SAÚDE DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES **Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde**. Brasília 2009. Disponível em www.saude.gov.br/bvs Acesso em: mai. 2021.

JORNAL DA USP: **Casos de Violência contra Criança e Adolescente Crescem na Pandemia**, em 2021. Por: MATOS, Mara. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/casos-de-violencia-contra-criancas-e-adolescentes-crescem-na-pandemia/> >. Acesso em: 18 de Junho de 2021.

LIMA Bruna; CARDIM Maria - Correio Braziliense: **Violência infantil - Perigo em casa: sem escola, crianças ficam mais reféns da violência**, 18/04 2021 às 8:58 hrs. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/04/4918902-perigo-em-casa-sem-escola-criancas-ficam-mais-refens-da-violencia.html>. Acesso em 15 de Junho de 2021.

REGISTRO DE MAUS-TRATOS CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES. **SESDEC**, em 2021. Disponível em: < <http://www.rondonia.ro.gov.br/?s=contra+crianca+e+adolescente+&e=103>>. Acesso em: 14 de maio de 2021.

VEJA SAÚDE: **OMS Declara Pandemia do Novo Coronavírus.** Saiba o que isso significa, em 2020. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/oms-declara-pandemia-do-novo-coronavirus-saiba-o-que-isso-significa/>. Acesso em: 18 de Junho de 2021.



Capítulo 2

AS CONSEQUÊNCIAS DO LUTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA REFLEXÃO SOBRE O ASSUNTO

Gladston Kohnlein

Maria Antônia Ramos Costa

Maria da Oliveira Costa Soares

Vera Lúcia Pires de Oliveira

AS CONSEQUÊNCIAS DO LUTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA REFLEXÃO SOBRE O ASSUNTO

Gladston Kohnlein

*Graduando em Psicologia pelas Faculdades Associadas de Ariquemes-FAAr-
Ariquemes-Rondônia. E-mail: gladston405@gmail.com*

Maria Antônia Ramos Costa

*Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Ariquemes-Fiar, Pós-graduada em Supervisão, Orientação e Gestão Escolar pela Faculdade Santo André e Mestre em Ciências da Educação pela Universidad Desarrollo Sustentable–UDS-Assunção/Paraguai. Tutora presencial do Instituto Federal de Rondônia – UBA/IFRO e Unopar – Ariquemes-Rondônia. Professora Docente do Programa de Mestrado e Doutorado da IPE- em parceria com a Amazônia University, Educação Cultura e Sustentabilidade-Estado da Flórida -EUA. ID Lattes: 2148215873821260.
<https://orcid.org/0000-0002-7474-8359>*

Maria da Oliveira Costa Soares

*Docente do Curso de Psicologia das Faculdades Associadas de Ariquemes-FAAr-
Ariquemes-Rondônia. E-mail: mariadaCosta@faar.edu.br*

Vera Lúcia Pires De Oliveira

*Graduanda em Psicologia pelas Faculdades Associadas de Ariquemes-FAAr -
Ariquemes-Rondônia. E-mail: verapires97@hotmail.com*

RESUMO: Este estudo apresenta situações adversas geradas em consequência do luto. Situações essas causadas pela pandemia do SARS-CoV-2 mais conhecido atualmente como a Covid-19. O artigo pretende explicar o conceito de luto e a forma como a pandemia tem afetado intensamente esse processo. O estudo é uma revisão bibliográfica, fundamentada em autores que escrevem sobre o assunto. As principais conclusões evidenciaram que a pandemia que gerou a Covid-19 tem desencadeados diversos problemas de saúde, tanto físico quanto emocional na vida das pessoas de um modo quase geral.

Palavras-chave: Luto; Pandemia; Consequência.

ABSTRACT: This study presents adverse situations generated as a result of grief. These situations caused by the SARS-CoV-2 pandemic are better known today as covid-19. The article aims to explain the concept of mourning and how the pandemic has intensely affected this process. The study is a bibliographic review, based on authors who write on the subject. The main conclusions showed that the pandemic that generated Covid-19 has triggered several health problems, both physical and emotional in people's lives in an almost general way.

Keywords: Covid-19; Mourning; Pandemic; Consequence.

INTRODUÇÃO

Com a pandemia, os rituais foram impossibilitados, tais como funerais, cultos religiosos, e outras cerimônias que é importante para as famílias e amigos, com esse restringimento as famílias e amigos não tiveram a oportunidade de despedir do familiar, de forma como gostaria. Podendo haver um aumento no sofrimento, Segundo Ana Cláudia Quintana Arantes, em seu livro “A morte é um dia que vale a pena viver” (2018), ela ressalta que quando se adocece, a percepção que temos do tempo é muito diferente de quando estamos saudáveis. O tempo da espera parece que dura para sempre. A espera é muito difícil: é o oposto da atividade. Como a pessoa não pode fazer coisas, é como se não estivesse viva. “Então agora não posso fazer nada? Não tem nada que eu possa fazer?” a medicina não pode fazer nada. Espera-se a morte, então. Mas o problema mais difícil não é a morte, é esperar por ela.

Este novo cenário imposto pela pandemia tem trazido inúmeros desafios quanto ao cuidado e à saúde mental e atenção psicossocial (SMAPS) das pessoas que atravessam o luto por entes acometidos pela Covid-19. É fundamental que se implementem ações que amparem e facilitem familiares e amigos de vítimas do (Covid-19), considerando cenários como: falecimento em residência, falecimento em hospitais sem a devida despedida dos mais próximos, falecimento solitário com pouca rede social de apoio, falecimento súbito de pacientes suspeitos de infecção, funerais nos quais não são possíveis o contato do enlutado com o falecido, dentre outros que podem gerar diversas repercussões de ordem psicossocial.

1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.1 CONCEITO DO LUTO

O luto se dá após a morte do familiar, para isso, torna-se importante conceituar o que é a morte. Segundo Kovács (1992, apud RODRIGUES, 2019, p. 3), “a morte se caracteriza pela interrupção completa e definitiva das funções vitais, com o desaparecimento da integração funcional e destruição progressiva das unidades celulares”. Rodrigues (2019), afirma que segundo o dicionário a morte é a interrupção definitiva da vida de um organismo.

Já em relação ao conceito do luto, é descrito como uma vivência comum em situações de transformação e mudança abrupta entre uma pessoa e o ente perdido. Por ser abrupto, também é entendido como uma crise, que provoca um desequilíbrio no enlutado sendo necessário ajuste por parte do enlutado, pois este precisará de recursos de ordem emocional e relacional para lidar com essa situação. Sendo que a crise vem da sobrecarga sobre as pessoas que ficam e que precisam continuar a desempenhar seus papéis sem o auxílio da pessoa que morreu, perdendo também possibilidades de existir no mundo pela ausência da pessoa falecida (RODRIGUES, 2019).

1.2 O LUTO NA PANDEMIA

Atualmente o mundo enfrenta o luto em razão da pandemia, com isso agrava a saúde mental das pessoas. Pois, conforme assinala Silva (2020) nós somos convocados a angústia diante da morte pelo alto risco de transmissão da Covid-19 e com a velocidade e gravidade dos sintomas aos quais sobrecarrega os sistemas de saúde. Além disso, há também a morte em isolamento e o enterro sem ritual a que as vítimas dessa doença são condenadas.

Nesse sentido, o sofrimento humano se dá pela consciência que temos do que foi citado anteriormente. Leme (1999) explica que, o homem, diferente dos outros animais, é o único com consciência que vai morrer, e isto por si só já seria a origem do sofrimento. Pois, o sofrimento e a morte são uma realidade inquestionável, mas a maneira de encarar o sofrimento e a morte tem variado continuamente na história.

Para melhor entender como é encarado este sofrimento nos últimos momentos de vida de pessoas que são consideradas moribundas, pessoas internadas em hospitais que estão próximos de morrer, é necessário saber as fases do luto que essas

peessoas junto de seus familiares passam, e uma das grandes referências nesse assunto é a escritora e psiquiatra Elisabeth Kubler Ross que, além de abordar as fases do luto, retrata como essas pessoas que estão próximas da morte lidam com ela (KÜBLER-ROSS, 2017).

Segundo ela, as necessidades dos pacientes vão além dos médicos hospitalares porque o paciente também tem sentimentos, desejos, opiniões e primeiro, tem o direito de ser ouvido. Sendo que pouco a pouco na visão da autora, o paciente deixa de ser humano para se transformar em um objeto de preocupação e de grande investimento financeiro. Passa a se preocupar com os batimentos cardíacos, por exemplo, mas não com o ser humano que está nele. E isso se agrava nesta pandemia de Covid-19, onde a carência de médicos e enfermeiros aumenta e pouco se vê a figura do psicólogo (KÜBLER-ROSS, 2017).

Segundo Kubler-Ross (2017) o primeiro dos 5 estágios ou fases é a negação e o isolamento, utilizado para o paciente lidar sobre o descobrimento de uma doença, nesta fase o recomendável é apenas tirar qualquer dúvida que o paciente possa a vir a ter e com o diálogo saber o grau de aceitação que o paciente pode vir a ter.

Nota-se que nessa fase, se o paciente não procurar auxílio médico especializado, ele pode vir a ter piora de sintomas e as consequências podem ser maiores, por conta do risco de letalidade da doença. Aumentando os fatores de risco para as pessoas que possuem alguma comorbidade como hipertensão e diabetes como assina Ferreira et al. (2020), tendo este um pior prognóstico das complicações associadas ao (COVID-19).

O segundo estágio, que após a aceitação vem a raiva, a raiva se manifesta de diversas formas, tanto como raiva de si como raiva contra outras pessoas, pois nesse estágio a pessoa se sente injustiçada por contrair a doença. Sendo ideal nesse momento, além do acolhimento, respeitar o momento do paciente tolerando a raiva vinda deste (KÜBLER-ROSS, 2017).

Após isso vem o terceiro estágio que é a barganha, por perceber que negar a doença ou ter sentimentos de raiva não curam a doença. Negocia-se consigo próprio, com Deus. E na falha da barganha, advém o quarto estágio que é a depressão, onde o paciente percebe que a morte está próxima e que o paciente se sente impotente diante dessa situação. Esse é o momento que o paciente mais precisa de auxílio, de conversar sobre seus sentimentos, pois se manter em silêncio, gerará apenas o aumento de solidão e abandono (KÜBLER-ROSS, 2017).

Por fim, chega-se ao quinto estágio que é a aceitação, fase que segundo a autora, não deve ser considerada uma fase feliz. Aqui ela reforça que nesse momento é onde a família também precisa de auxílio, pois é o momento que o paciente já está mais debilitado, cansado e que família terá que aprender como seguir a vida sem este paciente (KÜBLER-ROSS, 2017).

Em tempos de pandemia, com a dor da perda de muitas pessoas amigas e de familiares, iniciou-se uma comoção social, no sentido de dar valor as pessoas enquanto estas estão vivas, especialmente na data comemorativa do dia das mães do dia 9 de maio, pois como diz o ditado popular, o amanhã a Deus pertence. Nesse sentido, Palombini (2018) colabora com a seguinte frase:

O mal do ser humano é que ele dá valor às pessoas só depois que elas morrem. O importante é dar valor enquanto está vivo, porque só se vive uma vez. Depois que vai embora não adianta falar com saudade; depois que vai embora não adianta falar que gostava; depois que vai embora não adianta falar que era maneiro. Então, mano, dá valor enquanto está vivo, que, depois que morre, só vai restar a lembrança. E essa lembrança é uma coisa que machuca, igual à saudade (PALOMBINI, 2018, p. 5).

Silva (2020, p. 16), também contribui parafraseando uma fala de Freud que diz qual o valor da vida: “a dignidade de ter as necessidades básicas satisfeitas – alimentação, moradia. O amor, a amizade, o cuidado com a sobrevivência dos filhos. A fruição das coisas simples da vida.”. Com isso, a pandemia demonstra o que devemos buscar e valorizar, para que mesmo com a dor do luto sabermos o caminho a seguir para ter uma vida mais plena com a consciência da finitude da vida.

Outra atitude que se tornou valorizada em tempos de pandemia é o exercício físico diário, muito benéfico para a melhora da imunidade, diminuindo o risco de infecção respiratória por conta do sistema imunológico. Sendo que o isolamento social induz a uma rotina sedentária, fazendo com que tenhamos consciência do valor do exercício físico (FERREIRA et al., 2020).

1.3 O SOFRIMENTO PELA RESTRIÇÃO DO VELÓRIO

Segundo Caputo (2008 apud, SANTOS et al., 2016) com a modernidade, houve mudanças ao local da morte, que, em geral, não ocorre mais em domicílio junto de seus familiares, mas sozinho em um hospital de forma solitária e discreta. Com o advento da Covid-19 essa característica tornou-se gritante sendo que a maioria das

peças morre em leitos de UTI ou em busca deles e a visita ao doente num hospital deixou de ser facultada aos familiares pelo risco de contágio da doença.

O velório que antes também era permitido por um longo tempo, também ficou restrito em alguns casos ao caixão lacrado, em algumas regiões como Rondônia-RO com o tempo de 2 horas ou até mesmo não havendo como velar o corpo pelo risco de transmissão dependendo de quantos dias a pessoa morreu após ter contraído o vírus. Ainda dizendo que pelo aumento repentino do número de sepultamentos os corpos estão sendo enterrados em valas comuns e que várias pessoas estão morrendo num mesmo núcleo familiar.

Com esses agravantes, o luto torna-se ainda mais desafiador, pois os familiares sentem que o falecido não recebeu o funeral que merecia, e em casos que não há funeral, dificulta a oportunidade da pessoa em ser confortada, sendo que o apoio social auxilia as pessoas a seguirem.

Tudo isso são estressores adicional ao enlutado, que além de perder a pessoa querida, perde também mais algumas possibilidades de existir no mundo como já foi citado por Rodrigues (2019), precisando assim de maiores condições psicológicas para se adaptar e superar a situação da perda, pois a pessoa corre o risco de vivenciar o luto complicado.

Crepaldi (2020) explica que:

O luto complicado, no que lhe concerne, envolve a intensificação do sofrimento, sem progressão para resolução temporal, de forma que a pessoa se sente sobrecarregada e passa a apresentar comportamentos desadaptativos que a prejudicam na vida diária (CREPALDI, 2020, p.6)

Dentre os sinais e sintomas de luto complicado, destacam-se: pensamentos invasivos, recorrentes e persistentes sobre a pessoa que morreu; tristeza intensa; afastamento de outras relações interpessoais; e, percepção de falta de sentido na vida (CREPALDI, 2020, p. 6)

Nesse sentido, Aggarwal (2020) colabora, dizendo que depois de um trauma, luto, estresse, por exemplo, o cérebro dessa pessoa desenvolve conexões neurais para compensar o evento estressor. Essas conexões afetam os órgãos da pessoa de maneira não saudável, gerando problemas emocionais facilitando a ocorrência de doenças e mudando a forma como essa pessoa enxerga a vida e trazendo mudanças comportamentais.

Para superar um evento estressor é recomendável um aconselhamento, psicoterapia, conversar com um amigo, meditação entre outras ações, como uma dieta saudável e principalmente exercícios físicos para se sentir melhor. Pois, mesmo que a mudança seja desconfortável a princípio, somente ela pode nos levar a ter resultados diferentes. No aspecto da psicoterapia que envolve conversar com um psicoterapeuta, ele auxilia a pessoa a identificar, processar e a se libertar de eventos que a afetam emocionalmente (AGGARWAL, 2020).

2. RESULTADO E DISCUSSÃO

Chegamos ao resultado que em tempos de pandemia as pessoas passaram a entender ser importante ter mais amor as pessoas que nos são queridas, ter mais contato, mesmo que seja pelo telefone. Que a relação entre as pessoas, por conta da pandemia está melhorando, pois, mesmo através do medo, por não sabermos o amanhã nós agora estamos valorizando as pessoas que estão vivas.

Que as pessoas estão percebendo a instabilidade e imprevisibilidade da vida, onde a qualquer momento tudo pode mudar, o que consideramos um ciclo natural onde um filho enterrava um pai, pode ser ao contrário. Que quando acreditarmos que temos liberdade, percebemos que ela é tolhida por um bem maior e caso não tenhamos adquirido ao longo da vida um equilíbrio emocional, sofreremos muito mais com as intempéries da vida.

Dentre as consequências que a pandemia trouxe além das já citadas, está o aumento significativo do sofrimento que a depender da situação, não poder se despedir do doente que está sendo entubado e não saber se deve ou não se despedir, pois, há esperança do entubado se recuperar. Onde além de perder o familiar, ter seu sofrimento agravado por não poder velar e às vezes escolher onde este será enterrado.

Estamos descobrindo que amar faz bem para a saúde, ou em outras palavras, que amar diminui o sofrimento. E mesmo que seja apenas através das redes sociais, as pessoas que perderam seus entes queridos estão recebendo apoio de outras que também perderam seus entes queridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia que gerou a Covid-19 tem gerado diversos problemas de saúde, tanto físicos quanto emocionais. Tem ocasionado mudanças em todos os setores sociais, onde as pessoas sofrem restrições de locomoção, crises financeiras, principalmente na família, gerando perda de empregos. Por conta da doença, a perda da vida do provedor financeiro da família. Desse modo, toda e qualquer mudança gera estresse, mas a maneira de gerir esse estresse dependerá dos recursos emocionais que a pessoa possui.

Sendo assim, agora entra a figura do psicólogo, que pode auxiliar as pessoas a encontrarem recursos emocionais internos para lidar mais facilmente com o luto, e por consequência a melancolia decorrente do luto. Sendo necessário considerar a criação de políticas públicas de saúde mental através de psicólogos e assistentes sociais, para trazer maior qualidade de vida à população que está sofrendo com os impactos causados pela pandemia.

REFERÊNCIAS

AGGARWAL, Ameet. **Cure Seu Corpo Cure Sua Mente: Terapias Holísticas, Dieta, Mindfulness, Ansiedade, Depressão, Perda De Peso, Acne, Hormônios, Detox Do Fígado, Intestino Permeável E Fadiga Adrenal.** Dr. Ameet Aggarwal ND, 2020.

ARANTES, ACQ. **A morte é um dia que vale a pena viver.** Alfragide, Portugal: Oficina do livro; 2019.

CREPALDI, Maria Aparecida et al. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estud. psicol. (Campinas), Campinas, v. 37, e200090, 2020.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2020000100508&lng=en&nrm=iso. Acesso em 21 Mai 2021. Epub Jun 01, 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>.

FERREIRA, Maycon Junior et al. Vida fisicamente ativa como medida de enfrentamento ao COVID-19. **Arq Bras Cardiol**, v. 114, n. 4, p. 601-602, 2020.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer: O que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes.** WWF Martins Fontes, 2017. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=MDTGDgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=sobre+a+morte+e+o+morrer&ots=63z_Ugre0x&sig=0CvcbWP7KndQ9r5hvtfN1qqimbM#v=onepage&q=sobre%20a%20morte%20e%20o%20morrer&f=false. Acesso em: mai. 2021.

LEME, Luiz Eugênio Garcez. O idoso, a morte e o sofrimento. In: **Finitude: uma proposta para reflexão e prática em gerontologia**. 1999. p. 100-118.

PALOMBINI, Carlos. **MC G3 (1982–2018)**. [S. l.], 26 jun. 2018. Disponível em: <https://www.proibido.org/mc-g3-1982-2018/>. Acesso em: 9 mai. 2021.

RODRIGUES, Silvana Keller. LUTO E MORTE: UMA ABORDAGEM CONCEITUAL. **Escola freudiana de vitória**, [s. l.], [2019?]. Disponível em: <https://escolafreudiana.vix.br/artigos-page.php?cod=33>. Acesso em: 12 mai. 2021.

SANTOS, Fábio Pereira dos et al. LUTO NA FAMÍLIA. **Humanidades**, v. 5, n. 2, 2016.

SILVA, Laura Belluzzo de Campos. **O valor da vida: reflexão em tempos de pandemia**. Ide (São Paulo), São Paulo, v. 42, n. 69, p. 51-67, jun. 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062020000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: mai.2021.



Capítulo 3

***VIOLÊNCIA CONTRA AS
MULHERES:
EM TEMPO DE
PANDEMIA DA COVID- 19***

Amanda dos Santos Martins

Daniela da Silva de Jesus

Maria Antônia Ramos Costa

Maria da Oliveira Costa Soares

Raquel Rodrigues dos Anjos

VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES: EM TEMPO DE PANDEMIA DA COVID- 19

Amanda dos Santos Martins

Graduanda em Psicologia pela IESUR—Instituto de Ensino Superior de Rondônia –

FAAr – Faculdade associadas de Ariquemes E-mail:

amandadossantos@alunos.faar.edu.br

Daniela da Silva de Jesus

Graduanda em Psicologia pela IESUR—Instituto de Ensino Superior de Rondônia –

FAAr – Faculdade associadas de Ariquemes E-mail: danieladasilvaa23@gmail.com

Maria Antônia Ramos Costa

Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Ariquemes-Fiar, Pós-graduanda em Supervisão, Orientação e Gestão Escolar pela Faculdade Santo André e Mestre em Ciências da Educação pela Universidad Desarrollo Sustentable–UDS-Assunção/Paraguai. Tutora presencial do Instituto Federal de Rondônia – UBA/IFRO e Unopar – Ariquemes-Rondônia. Professora Docente do Programa de Mestrado e Doutorado da IPE- em parceria com a Amazônia University, Educação Cultura e Sustentabilidade-Estado da Flórida -EUA. ID Lattes: 2148215873821260.

<https://orcid.org/0000-0002-7474-8359>

Maria da Oliveira Costa Soares

Docente do Ensino Superior em Psicologia pela IESUR—Instituto de Ensino

Superior de Rondônia – FAAr – Faculdade associadas de Ariquemes, Psicóloga

Clínica, E-mail: mariadaCosta@faar.edu.br

Raquel Rodrigues dos Anjos

Graduanda em Psicologia pela IESUR—Instituto de Ensino Superior de Rondônia –

FAAr – Faculdade associadas de Ariquemes E-mail: raqueldosanjos00@gmail.com

RESUMO: A violência já uma situação muito complicada em todos os aspectos, mas, em tempos de pandemia está pior ainda. Desse modo, esse estudo visa trazer uma breve reflexão sobre a violência contra a mulher em tempos de pandemia e os danos psicológicos ocasionados por essa violência. A pesquisa é uma abordagem bibliográfica. A partir dessa pesquisa foi possível observar que a violência contra a mulher é um problema de saúde pública, é uma questão social, onde elas sempre se encontram em estado vulnerável, fragilizadas e vivem mediante ameaças dos seus companheiros, dependentes financeira e emocionalmente de seus agressores.

Palavras-chave: Violência doméstica. Pandemia da Covid-19.

ABSTRACT: Violence is already a very complicated situation in all respects, but in times of pandemic is even worse. Thus, this study aims to bring a brief reflection on violence against women in times of pandemic and the psychological damage caused by this violence. Research is a bibliographic approach. From this research it was possible to observe that violence against women is a public health problem, it is a social issue, where they are always in a vulnerable state, weakened and live through threats from their partners, financially and emotionally dependent on their aggressors.

Keywords: Domestic violence. Covid-19 pandemic.

INTRODUÇÃO

A violência doméstica contra a mulher recebe essa nomenclatura por ocorrer no lar, e o agressor ser geralmente alguém que mantêm ou já manteve alguma relação íntima com a vítima. Podendo ser caracterizada de diversas formas, como hematomas pelo corpo, violência psicológica que trazem danos a estrutura emocional da mulher.

O estudo acerca desse tema é de suma importância para o cenário atual e para isto, foi feita uma pesquisa bibliográfica, já que é notório o aumento deste fenômeno, e em tempos de pandemia tem se tornado ainda mais complexo. É preciso um olhar mais cuidadoso das autoridades governamentais, mediante criação de políticas públicas com intuito de combater este fenômeno, dessa forma podendo subsidiar as vítimas de violência doméstica.

Embora as evidências sejam escassas sobre os impactos do isolamento social e relatos de violência contra a mulher, a mídia traz notícias que detectam o aumento da violência, essa violência tem obtido grandes impactos na vida das mulheres. Ocasionalmente sérios danos à saúde física e mental.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Esse espaço pretende apontar algumas concepções, conceitos e abordagens teóricas relacionadas ao tema violência contra a mulher em tempos de pandemia COVID-19.

A violência contra a mulher existe há anos e têm trazido grandes sofrimentos, traumas e muitas das vezes levando à vítima a morte. E pode estar presente em toda parte da vida e acontece em todas as classes sociais. A violência que ocorre no âmbito doméstico com a violência sexual faz parte dos fenômenos sociais e culturais que no que lhe concerne são cercados de silêncio e dor. A violência contra a mulher é referida de inúmeras formas, sendo elas como: violência infrafamiliar, violência contra a mulher e violência doméstica, a violência contra a mulher é qualquer ação ou conduta que leve a morte ou traga danos físicos, psicológicos e sexuais tanto no âmbito privado ou público (REVISTA MATRIA, 2018).

Baseado na cartilha Maria da Penha (1994) a violência está dividida em cinco pontos, sendo eles:

- Violência física, qualquer comportamento que ofenda sua integridade física ou saúde corporal. Classificada como espancamento utilização de objetos e as mãos, tentativas de estrangulamentos, socos e chutes.
- Violência psicológica, inclui qualquer comportamento que acarreta danos emocionais ou diminuição da autoestima, ameaçando suas crenças e decisões, mediante ameaças, gritar, humilhar, isolamento entre outros.
- Violência sexual, qualquer comportamento que impeça de testemunhar, manter ou participar através de intimidação, ameaças ou uso de força; induzi-la a promover ou usar qualquer método contraceptivo, forçando ao casamento, aborto ou prostituição.
- Violência patrimonial, qualquer conduta que ocasione destruição parcial ou total dos bens, ou documentos, sejam eles de trabalho, pessoais ou os bens.
- Violência moral é qualquer situação que possa ser configurada como calúnia, difamação e até mesmo injúria. Isso acontece quando o agressor afirma algo que é falso com o intuito de prejudicar a vítima. (CARTILHA LEI MARIA DA PENA, 1994)

Esse silenciamento que tinha, nos últimos tempos mesmo em meio a pandemia da Covid-10, fica em evidência, com isso tem contribuído para as denúncias de casos de violência contra a mulher (CAMPOS; TCHALEKIAN; PAIVA, 2020).

A Comissão Interamericana de Direitos Humanos-CIDH, manifesta sua profunda preocupação com os números que mostram um aumento dos relatos de violência doméstica após o estabelecimento das medidas de confinamento e distanciamento social adotado pelas autoridades para conter o contágio da COVID-19

nos países das Américas. Nesse sentido, a Comissão teve conhecimento, através de seu monitoramento permanente, sobre o aumento significativo desses números em países como o Brasil e os Estados Unidos, mas que também se repetem em outros países da região.

1.1 CARACTERÍSTICAS DO AGRESSOR E DA VÍTIMA

De modo geral os homens violentos têm características em comuns: como uso de drogas, bebidas alcoólicas, desemprego, perda de autoestima, comportamentos agressivos, ciúmes excessivos, tendo em vista também que existem agressores que passam para a sociedade como pessoas boas, trabalhadoras, dedicadas, carinhosas e exemplares. Passa a ter sentimento de culpa onde acaba prometendo para sua parceira mudanças na relação afetiva deles. Mais, no entanto, não consegue adquirir tal mudança passando assim a agredi-la e novamente se inicia o ciclo de agressões sendo elas físicas ou psicológicas (ALVES, 2005).

As vítimas são em suma maioria das vezes mulheres, sendo a parte mais frágil da relação. Mulheres que sofrem violência doméstica se comportam de forma mais envergonhadas, quietas, emocionalmente abaladas, dependentes emocionalmente e deprimidas (ALVES, 2005).

A violência contra a mulher é um problema de saúde público gravíssimo, portanto, também é uma questão social. Várias entidades vêm se mobilizando, discutindo assuntos onde previna essas questões sociais, onde possam acolher as vítimas de violências, trazendo segurança para as mesmas e apoio psicológicos, porque além das agressões físicas existem os problemas psíquicos envolvidos (NASCIMENTO, 2004).

1.2 A PANDEMIA, O ISOLAMENTO SOCIAL E O AUMENTO DE CASOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER

A superabundância da mulher com o cuidado dos filhos que nesse contexto de pandemia não estão indo para as escolas e os trabalhos domésticos podem diminuir a sua habilidade de fugir de conflitos com o agressor, o que a torna mais exposta à violência. O amedrontamento da violência também pode alcançar seus filhos, limitados a suas casas, é um elemento imobilizador que impossibilita a procura por

ajuda. Por último, a dependência econômica com relação ao abusador em função da paralisação financeira e da inviabilidade do emprego informal devido à época de quarentena é outra circunstância que limita a hipótese de ruptura da situação (MARQUES, 2020).

Conforme afirma Caravantes (2000, p.229), a violência intrafamiliar pode ser compreendida como qualquer ação ou omissão que resulte em dano físico, sexual, emocional, social ou patrimonial de um ser humano, onde exista vínculo familiar e íntimo entre a vítima e seu agressor.

A violência doméstica pode ser dividida em:

Violência física ocorre quando alguém causa ou tenta causar dano, através de força física, de alguma arma ou instrumento que pode causar lesões internas: (hemorragias, fraturas), externas (cortes, hematomas, feridas).

Violência sexual é toda a ação em que uma pessoa, em situação de poder, obriga outra à realização de práticas sexuais contra a vontade, por meio da força física, da influência psicológica (intimidação, aliciamento, sedução), ou do uso de armas, ou drogas

Negligência é a omissão de responsabilidade, de um ou mais membros da família, em relação a outro, sobretudo, com aqueles que precisam de ajuda por questões de idade ou alguma condição específica, permanente ou temporária.

Violência psicológica é toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa. Inclui: ameaças, humilhações, chantagem, cobranças de comportamento, discriminação, exploração, crítica pelo desempenho sexual, não deixar a pessoa sair de casa, provocando o isolamento de amigos e familiares, ou impedir que ela utilize o seu próprio dinheiro. Dentre as modalidades de violência, é a mais difícil de ser identificada. Apesar de ser bastante frequente, ela pode levar a pessoa a se sentir desvalorizada, sofrer de ansiedade e adoecer com facilidade, situações que se arrastam durante muito tempo e, se agravadas, podem levar a pessoa a provocar suicídio (BRASIL, 2001).

Todo ato de violência baseado em gênero, que tem como resultado, possível ou real, um dano físico, sexual ou psicológico, incluídas as ameaças, a coerção ou a privação arbitrária da liberdade, seja a que aconteça na vida pública ou privada. Abrange, sem caráter limitativo, a violência física, sexual e psicológica na família, incluídos os golpes, o abuso sexual às meninas, a violação relacionada à herança, o estupro pelo marido, a mutilação genital e outras práticas tradicionais que atentem

contra mulher, a violência exercida por outras pessoas que não o marido - e a violência relacionada com a exploração física, sexual e psicológica e ao trabalho, em instituições educacionais e em outros âmbitos, o tráfico de mulheres e a prostituição forçada e a violência física, sexual e psicológica perpetrada ou tolerada pelo Estado, onde quer que ocorra (BRASIL, 2006).

Segundo Barone (2020) no reino dos relacionamentos, quanto mais tempo gasto com o invasor é crucial. Além disso, ao reduzir o contato social das vítimas com amigos e familiares, as oportunidades das mulheres de estabelecer e / ou fortalecer redes de apoio social, buscar ajuda e escapar da violência também serão reduzidas. Morar junto ao longo do dia, especialmente em famílias de baixa renda com poucos quartos lotados, reduz a probabilidade de relatórios de segurança e impede que as mulheres tomem essa decisão.

Conforme Golfieri e Andrian (2020) no nível individual, eles podem ser os gatilhos para o aumento da violência: aumento dos níveis de estresse do agressor devido ao medo da doença, incerteza sobre o futuro, impossibilidade de interação social e queda de renda iminente - especialmente em comparação com a classe Pequena. Favorecido, grande parte do qual vem em detrimento do trabalho informal - exceto para o consumo de bebidas alcoólicas ou outras substâncias psicoativas. Além de torná-las mais suscetíveis à violência psicológica e à coerção sexual, as mulheres que realizam trabalhos domésticos excessivos e cuidam de crianças, idosos e enfermos também reduzem sua capacidade de evitar conflitos com os agressores. O medo da violência atinge também os filhos, que estão confinados em casa, outro fator paralisante que dificulta a procura de ajuda. Por fim, a estagnação econômica da economia depende de parceiros e a impossibilidade de realizar trabalhos informais durante o período de quarentena é outro aspecto que reduz a possibilidade de insucesso.

A violência contra as mulher causa enorme sofrimento, deixa marcas nas famílias, afetando várias gerações, e empobrece as comunidades. Impede que as mulheres realizem suas potencialidades, limita o crescimento econômico e compromete o desenvolvimento, no que se refere a violência contra as mulheres, não a sociedade civilizada (ONU, 2012).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estudo desenvolvido com dados coletados mediante pesquisas bibliográficas onde relatam casos de violência doméstica contra a mulher, identificando as violências que elas sofrem e como seus agressores se comportam perante a sociedade.

No Rio de Janeiro, dados do Ministério Público Nacional (2020) mostraram que no primeiro fim de semana após a promulgação do decreto estadual de distanciamento social, os casos de violência doméstica aumentaram em 50%, a maioria envolve violência contra mulheres. Da mesma forma, no Paraná, no primeiro final de semana de distanciamento social, os registros de violência doméstica manejados pela Polícia Militar aumentaram 15%. Os estados do Ceará, Pernambuco e São Paulo também relataram situações semelhantes.

O confinamento social imposto pela pandemia de Covid-19 se caracterizou como um fator agravante para a ocorrência da violência doméstica contra a mulher, em razão da maior convivência com o agressor, associada a menor possibilidade de acesso aos órgãos e serviços de segurança pública responsáveis por acolher as denúncias.

Outros fatores estão associados a sensação de impunidade por parte do agressor, decorrente do isolamento social, assim como o aumento do consumo de bebidas alcoólicas e outras substâncias psicoativas, agravará o comportamento violento dessas pessoas. Por outro lado, a instabilidade econômica, o desemprego e a queda repentina da renda também são os principais fatores desencadeadores de comportamentos agressivos nas imagens masculinas, os quais estão relacionados à relação de poder entre os gêneros.

Segundo a literatura analisada, pode-se afirmar que os fatores relacionados à violência doméstica contra a mulher durante a pandemia de Covid-19 são a proximidade causada pelo confinamento, o sentimento de impunidade, o uso de substâncias psicoativas e os problemas relacionados à insegurança financeira. Por fim, é importante ressaltar a influência da cultura patriarcal nas relações de poder entre homens e mulheres, problema estrutural de longa data que afeta diretamente a ocorrência de tais crimes.

CONCLUSÃO

Pela observação dos aspectos analisados vemos que a violência contra a mulher no ambiente familiar não é determinada por tempo, ou seja, é eterno, não de um lugar, nem de cultura ou classe social. Têm trazido grandes sofrimentos, traumas e muitas das vezes levando à vítima a morte. E pode estar presente em toda parte da vida e acontece em todas as classes sociais. Além de violência física, podem ser violências sexuais, negligência, violência psicológica. Tudo isso está relacionado a aspectos mentais, físicos, hereditários, morais e isso acontece no ambiente doméstico. O agressor pode ser namorado, ex-companheiro, pai ou mãe, padrasto ou madrasta, irmã, sogro.

No contexto desta pandemia, os casos aumentaram significativamente a violência contra a mulher no ambiente familiar. É necessário criar medidas para proteger essas mulheres desfavorecidas, como vendo o crescimento em organizações mundiais em todo o mundo diretrizes para o combate a tal violência foi emitida, e os estados também.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cláudia. 2005 **VIOLÊNCIA DOMÉSTICA** Disponível em: https://www.academia.edu/search?from=cover_page&q=VIOL%C3%8ANCIA+DOM%C3%89STICA. Acesso em: jun.2021.

BARONE I. **Corona vírus**: denúncias de violência doméstica aumentam e expõem impacto social da quarentena. Gazeta do Povo 2020; 07 jun. <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/coronavirus-denuncias-de-violencia-domestica-aumentam-e-expoem-impacto-social-da-quarentena/>. Acesso em: jun.2021.

BRASIL. Ministério Público. **Violência intrafamiliar**: orientações para a prática em serviço. Secretaria de Políticas de Saúde. Brasília: 2001.

BRASIL. **Lei Maria da Penha**. Lei n 11.340 de 7 de agosto de 2006. **Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher**. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Presidência da República.

GOLFIERI M. ANDRIAN A. **O aumento da violência doméstica em tempos de covid-19**. **Estadão** **2020;** **07** **jun.** <https://politica.estadao.com.br/blogs/faustomacedo/o-aumento-da-violencia-domestica-em-tempos-de-covid-19/>. Acesso em: jun.2021.

CAMPOS, Brisa; TCHALEKIAN, Bruna; PAIVA, Vera. Violência contra a mulher: vulnerabilidade programática em tempos de SARS-COV-2/ COVID-19 em São Paulo. **Psicol. Soc. Belo Horizonte**, v. 32, p. 1-20, e020015, 2020.

CARAVANTES, L. Violência intrafamiliar en la reforma del sector salud. In: COSTA, A.M.; MERCHÁN-HAMANN, E.; TAJER, D. (Orgs.). **Saúde, equidade e gênero: um desafio para as políticas públicas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. p.18.

CARTILHA **Maria da Penha**. Disponível em; <https://ww2.faculdadescearenses.edu.br/revista2/edicoes/vol7-1-2014/artigo12.pdf>. Acesso em: jun.2021.

MARQUES, Emanuele Souza, et al. **A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento**. **Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro**, v. 36, n. 4, e00074420, abr. 2020. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1033/a-violencia-contra-mulherescranciase-adolescentes-em-tempos-de-pandemia-pela-covid-19-panorama-motivacoes-reformas-de-enfrentamento>. Acesso em: jun.2021.09 jun.2021

MINISTÉRIO Público Nacional: **Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos**. 2021. Disponível: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/denuncie-violencia-contra-a-mulher/violencia-contra-a-mulher>. Acesso em: junh.2021

NASCIMENTO, Patrícia Cristina. **2004 Violência doméstica contra a mulher**. Disponível em: <http://tcc.bu.ufsc.br/Ssocial287481.PDF>. Acesso em jun.2021. Acesso em: jun.2021.

ONU Mulheres Brasil. **Gênero e COVID-19 na América Latina e no Caribe, 2012**. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/covid-19/>. Acesso em: 09 de junho de 2021.

REVISTA matéria. **Violência contra a Mulher um Fenômeno Social**. Disponível em ; <https://www.cnte.org.br/index.php/publicacoes/revista-matria/revista-matria-2018/65719-artigo-violencia-contra-a-mulher-um-fenomeno-social>. Acesso em: jun.2021.



Capítulo 4

LUTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: EFEITOS DA COVID-19

Gizelle Cristina da Silva

Karina Castilho Campos Romanini

Maria Antônia Ramos Costa

Maria da Costa Oliveira Soares

LUTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: EFEITOS DA COVID-19

Gizelle Cristina da Silva

Pedagoga especialista em Orientação Educacional pela FIAR de Ariquemes; Especialista em Psicologia da Educação com Ênfase em Psicopedagogia Preventiva pela FACISA de Xaxim; Especialista em Neuropsicopedagogia Clínica pela FCV de Maringá; Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Interamericana de Ciudad del Este; Cursando Psicologia pela FAAr de Ariquemes. E-mail: gizellecs@hotmail.com

Karina Castilho Campos Romanini

Graduanda em Psicologia pela IESUR—Instituto de Ensino Superior de Rondônia – FAAr – Faculdade associadas de Ariquemes. E-mail: Kstilhocampos@gmail.com

Maria Antônia Ramos Costa

Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Ariquemes-Fiar, Pós-graduada em Supervisão, Orientação e Gestão Escolar pela Faculdade Santo André e Mestre em Ciências da Educação pela Universidad Desarrollo Sustentable—UDS-Assunção/Paraguai. Tutora presencial do Instituto Federal de Rondônia – UBA/IFRO-Rondônia. Professora Docente do Programa de Mestrado e Doutorado da IPE- em parceria com a Amazônia University, Educação Cultura e Sustentabilidade-Estado da Flórida -EUA. ID Lattes: 2148215873821260. <https://orcid.org/0000-0002-7474-8359>

Maria da Costa Oliveira Soares

Docente do Ensino Superior em Psicologia pela IESUR—Instituto de Ensino Superior de Rondônia – FAAr – Faculdade associadas de Ariquemes, Psicóloga Clínica, E-mail: mariadaCosta@faar.edu.br

RESUMO: A pandemia de COVID-19, assim como as guerras, constitui um cenário mundial catastrófico, deixando marcas em todos aqueles que a vivenciam, trazendo condições de sofrimento mental na população em geral acometida ou não pela

condição viral e/ou pelo luto inesperado. O objetivo desse estudo é demonstrar como o psicológico das pessoas pode afetar o indivíduo e a sociedade como todo, e causar grandes prejuízos caso não tratadas inicialmente e de maneira adequada, onde as principais conclusões descrevem que a negligência na área da saúde mental pode afetar tanto quanto a saúde física dos sobreviventes da pandemia do (Covid-19).

Palavras-chave: Pandemia da Covid -19. Luto. Enfrentamento.

ABSTRAC: The Covid-19 pandemic, as well as wars, constitutes a catastrophic world scenario, leaving marks on all those who experience it, bringing conditions of mental suffering in the general population affected or not by the viral condition and/or unexpected mourning. The aim of this study is to show how people's psychological can affect the individual and society as a whole, and cause great harm if not initially and adequately treated, where the main conclusions describe that neglect in the area of mental health can affect as much as the physical health of survivors of the Covid-19 pandemic.

Keywords: Covid's Pandemic -19. Mourning. Confrontation.

INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19, afetou de forma drástica o bem-estar socioemocional e físico de bilhões de pessoas em todo o mundo, e trouxe em menor ou maior intensidade um processo de luto inesperado às famílias. São inúmeras as perdas, a limitação de contato, as condições de trabalhos e estudos, o distanciamento, a aversão à ideia da morte pelo acometimento do vírus, e conseqüentemente a alteração no funcionamento mental e emocional causando inúmeros efeitos, um deles o luto, ou medo, ansiedade, traumas, depressão, manifestações psicológicas e físicas, que surgem a partir da negligência psicológica.

1. PROCESSO E EFEITO DO LUTO

O luto é um processo complexo que se manifesta de inúmeras maneiras e variações fatoriais e culturais, concepções e crenças a respeito da morte, pela relação com a pessoa falecida e as circunstâncias em que ocorreu o falecimento.

Neste contexto, Bombarda e Sacilot (2020) referenciam a importância de considerar, que:

“[...] o luto é um processo natural, de elaboração de uma perda significativa, esperado frente ao rompimento de um vínculo. Esse processo é vivenciado de modo único por cada pessoa e influenciado por aspectos socioculturais, pelas causas da morte, bem como pela existência ou não de uma rede de suporte (BOMBARDA; SACILOT, 2020, S/P)

No livro “Luto e melancolia”, Freud (1915/2011, p. 48), escreve que, “[...] geralmente o luto é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc.”

Assim também, quanto aos processos e efeitos do luto, John Bowlby (1982) relata que o pode ser potencializado a medida de quanto maior o apego que este tem pelo objeto perdido, que pode ser uma pessoa, um animal, status social ou até mesmo fase de vida, dentre outras.

Vista por essa maneira, pensando globalmente como é a pandemia da Covid-19, podemos imaginar a quantidade de pessoas que estão com suas vidas impactadas pela dor do luto tanto com familiares como amigos e ou conhecidos.

Na concepção de Parkes, Colin (1998), o luto é considerado como uma doença, sendo que ambos trazem desconforto e alterações nas funções psíquicas, porém, ressalta que o luto não está categorizado como doença, pois não é um estado e sim um processo, que envolve quadros clínicos com fases características mescladas e que se substituem, sendo algo relativo quanto as pessoas.

O Luto afeta o indivíduo e sua forma de viver, e em um momento de pandemia onde milhões de vítimas veem a óbito, pode-se afirmar que não só os familiares e amigos, mas toda a sociedade experimenta os efeitos que afetam o agora e o posterior na vida dos que perderam pessoas amadas.

Kubler Ross (1969), categoriza os estágios do luto, nomeando-os da seguinte forma: “[...] negação, raiva, negociação ou barganha, depressão e aceitação”. A negação, o primeiro estágio se caracteriza como mecanismo de defesa, sendo comum que ocorra; no que lhe concerne a raiva, o segundo estágio, ocorre após o primeiro ser superado, e se manifesta sendo a realidade admitida. O terceiro estágio que é a negociação ou barganha, ocorre perante o estágio anterior não ter trago solução, então este faz promessas e negociações com Deus, de modo a receber o que procura. A depressão é o quarto estágio sendo caracterizado por uma grande angústia e sentimento melancólico, precedido pela aceitação que é o quinto e último estágio do luto, que ocorre de modo reflexivo frente a percepção da situação.

A maneira que cada indivíduo vivência o luto é o que caracteriza como vai ser a manifestação dos efeitos, sobre este, Teixeira (2020) alerta sobre as diversas respostas físicas, emocionais, cognitivas e comportamentais que o indivíduo enlutado pode desenvolver frente a perda, atribuindo a um conjunto de manifestações clínicas

nas quais a manifestação física engloba a falta de ar, sensação de aperto no peito, cansaço acentuado, estômago vazio e outros; na manifestação emocional notasse a tristeza, culpa, raiva, ansiedade, solidão e saudade. Já na manifestação cognitiva ocorre excesso de preocupação, negação, confusão mental, pensamentos ruminativos, dentre outros. E por fim as manifestações comportamentais que ocorrem quando causadas alterações de sono e apetite, agitação física, isolamento, lentidão e choro.

A sensação de vazio gerada pelo luto se intensificou com o isolamento social e inviabilidade da despedida, intensificado ainda mais pela falta dos rituais fúnebres com papel importante, possuindo um valor histórico-cultural e social, causando aumento nos sintomas prolongados vivenciados pelo luto, chamado de luto complicado, quando este se torna um problema de saúde para o indivíduo enlutado. (PAVANI, 2020).

O luto pode se manifestar de maneira normal ou patológica. Sendo o luto patológico caracterizado em: reações de luto crônicas, reações de luto inibidas, reações de luto exageradas de luto mascaradas (PARKES, 1998).

Com o contexto social voltado para a proteção e preservação da vida, houve um aumento significativo das pessoas com síndromes e medos de que em grande maioria ultrapassa o limite aceitável, tornando um tormento para a pessoa que carrega, podendo gerar traumas que o afetarão para o resto da vida.

Kovács (1992), declara que a morte é parte integrante do desenvolvimento, fundamental para a proteção do ser humano, destacando que quando negligenciado pode se tornar perigoso e mortal à medida que cresce, causando além de depressão outras várias doenças, que prejudica a qualidade de vida e o desenvolvimento de novas experiências, o chamado luto complicado, que segundo Pavani (2020, s/p) acontece quando esse processo se torna um problema de saúde.

Quando não há redução dos sintomas e uma retomada da vida, podemos estar diante de um luto complicado, necessária uma avaliação específica de saúde mental, seja do psicólogo ou do médico psiquiatra. (PAVANI, 2020, s/p)

Neste contexto, o medo seja da perda, da morte ou qualquer outro motivo, deve estar no considerado normal ou caso contrário passa a ser perigoso para a pessoa que detém deste sentimento, pois impossibilita e priva o ser humano de muitas opções, interações, conhecimentos e outros, causando tormento e aprisionando vidas.

1.2 ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO AO LUTO POR COVID-19

A pandemia da Covid-19, assim como a guerra, constitui um cenário mundial catastrófico, deixando marcas em todos aqueles que a vivenciam, trazendo condições de sofrimento emocional e mental na população em geral acometida ou não pela condição viral e/ou pelo luto inesperado.

Segundo Bombarda et al. (2020, s/p), é importante ressaltar que:

[...] no cenário da pandemia, estamos vivenciando diferentes experiências de mortes, o que ocasiona a pacientes e familiares em cuidados paliativos, exacerbação de anseios, medos e, por vezes, vivências de perdas de mais de um membro da família.

O atual cenário transformou o cotidiano da humanidade, sem exceção. Normas mais rígidas, imposições generalizadas e extremas, privações de socializações, incertezas de estabilidade (familiar, trabalhista, financeira e de vida) dificulta a vivência do luto, como afirmam Bombarda, et al., (2020, s/p), em contribuição para o site Informasus (2020, s/p) ao dizer que “[...] privações dos rituais de despedidas e o distanciamento social são aspectos que dificultam a vivência do luto, fator que denota a importância da ampliação de orientações que auxiliem no processo de autocuidado durante o enlutamento”.

Pavani (2020, s/p), ressalta a questão quanto a sensação de vazio descrita nos processos de luto; segundo a autora essa sensação:

[...] assim como a sintomatologia conhecida sobre o tema, ganha ainda mais intensidade no contexto de isolamento social e inviabilidade de despedidas. E despedir-se é uma etapa essencial para esse processo, enquanto promove o contato com a realidade da perda e favorece a sua assimilação. Ao mesmo tempo, permite que o sofrimento e o desamparo diante da perda possam ser compartilhados e acolhidos entre aqueles que o sentem.

Neste contexto, as autoras expõem ainda orientações estratégicas para o enfrentamento da condição enlutada, e demonstram algumas alternativas que possam ser seguidas no decorrer dos estágios do luto. Sendo as seguintes:

- Respeite seu momento e tente nomear seus sentimentos;
- Não tenha pressa para que esses sentimentos passem;
- Procure cuidar de sua alimentação, descanso, hidratação e higiene básica;
- Se exponha um pouco ao sol;

- Compartilhe o que sente com pessoas em que confia, mesmo que isso agora ocorra por ferramentas virtuais;
- Expresse suas lembranças com espaços da casa, escrita, fotografias ou gravando sua própria voz – o importante é que identifique e reconheça ações que lhe façam sentido e que lhe possibilitem expressar sua dor e saudades;
- Procure assistir filmes, séries e espetáculos de que goste e reduza a quantidade de notícias e informações;
- Se reconecte ou fortaleça sua espiritualidade, seja de forma individual ou coletiva (neste caso, utilizando-se de meios digitais);
- Peça ajuda quando necessário – tanto à familiar e amigos quanto ajuda profissional. (BOMBARDA et al. 2020, s/p)

Porém, não há uma receita absoluta que atenda a todos os sujeitos enlutados com uma mesma resposta, cada pessoa vivenciará o luto de maneira própria; apesar de orientadas a retomada da vida, à ressignificação e aceitação da perda, às novas conexões, projetos e novas vivências, o contato com o sofrimento e expressão dessa dor são singulares.

A psicóloga Pavani (2020, s/p) diz que “[...] as necessidades são múltiplas e, nesse cenário de pandemia, extrapolam a dimensão psicológica”. Contudo, a autora ressalta que se fosse possível sintetizar uma mensagem para esse momento, ela diria que “[...] podemos ajudar cuidando de alguém” (PAVANI, 2020, s/p).

Ainda com toda forma de orientação, há pessoas que não apresentam força ou capacidade de superação, e necessitam de acompanhamento profissional e administração medicamentosa; neste caso, deve-se buscar auxílio com equipes de cuidados paliativos de referência. Caso ainda não consiga o atendimento ou a oferta de atenção especializada por motivo qualquer, há ainda alternativa de contato com a atenção básica de saúde e/ou outro profissional de confiança, para serem realizados os encaminhamentos apropriados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que ainda não se tem estudos robustos sobre o efeito real do novo coronavírus no luto, as pesquisas que se encontra sobre o tema demonstra aumento na intensidade e no tempo dos sintomas vivenciados de luto por Covid19.

Sendo assim, é esperado que o sujeito enlutado retome o curso de sua vida de forma gradativa, e tendo a necessidade de respeitar-se e ser respeitado quanto ao seu tempo.

Diante desse cenário de pandemia, visualiza-se, uma condição de necessidades múltiplas, e algo valioso a ser feito nesse processo é envolver-se e se fazer presente; permitir que essa pessoa se expresse de formas variadas e exponha a sua dor e saudade e tenha a certeza de que não está passando por esse momento sozinho.

REFERÊNCIAS

BOMBARDA, Tatiana Barbieri; SACILOT, Isabelle Paris; SOUZA, Mariana Carolina Lima de; MENEGUSSi, Juliana Moraes; FERREIRA, Esther Angélica Luiz; PIOVEZAN, Stefhanie. **CUIDADOS PALIATIVOS, PÚBLICO-ALVO: GERAL, TRADUÇÃO PARA LIBRAS – Estratégia de Enfrentamento ao Luto: o que posso fazer para diminuir a minha dor?** Disponível em: <https://www.informasus.ufscar.br/estrategias-de-enfrentamento-ao-luto-o-que-posso-fazer-para-diminuir-a-minha-dor/>. Acesso em: mai. 2021.

BOWLBY, John. Apego e perda: retrospecto e perspectiva. *American Journal of Orthopsychiatry*, v. 52, n. 4, pág. 664, 1982.

FREUD, S. (2011). **Luto e melancolia**. Tradução de Marilene Carone. São Paulo, SP: Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1915).

PARKES, Colin Murray. **Luto estudos sobre a perda na vida adulta**. Summus editorial, 1998.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. Casa do Psicólogo, 1992.

PAVANI, Natália. **Luto em tempos de pandemia**. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/blog/com-a-palavra/luto-em-tempos-de-pandemia-o-que-muda-ao-dizer-adeus/>. Acesso em: 26 de maio 2021

TEIXEIRA, Ana. **O luto na era covid-19**. Saúde bem-estar, 2020. Acesso em: junh.2021.



Capítulo 5

***PANDEMIA DA COVID-19:
MORTE E LUTO,
IMPLICAÇÕES NA SAÚDE
MENTAL DAS CRIANÇAS***

Gizelle Cristina da Silva

Maria Antônia Ramos Costa

Maria da Costa Oliveira Soares

PANDEMIA DA COVID-19: MORTE E LUTO, IMPLICAÇÕES NA SAÚDE MENTAL DAS CRIANÇAS

Gizelle Cristina da Silva

Pedagoga especialista em Orientação Educacional pela FIAR de Ariquemes; Especialista em Psicologia da Educação com Ênfase em Psicopedagogia Preventiva pela FACISA de Xaxim; Especialista em Neuropsicopedagogia Clínica pela FCV de Maringá; Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Interamericana de Ciudad del Este; Cursando Psicologia pela FAAr de Ariquemes. E-mail:

gizellecs@hotmail.com

Maria Antônia Ramos Costa

Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Ariquemes-Fiar, Pós-graduada em Supervisão, Orientação e Gestão Escolar pela Faculdade Santo André e Mestre em Ciências da Educação pela Universidad Desarrollo Sustentable–UDS–Assunção/Paraguai. Tutora presencial do Instituto Federal de Rondônia – UBA/IFRO-Rondônia. Professora Docente do Programa de Mestrado e Doutorado da IPE- em parceria com a Amazônia University, Educação Cultura e Sustentabilidade-Estado da Flórida -EUA. ID Lattes: 2148215873821260.

<https://orcid.org/0000-0002-7474-8359>

Maria da Costa Oliveira Soares

Docente do Ensino Superior em Psicologia pela IESUR—Instituto de Ensino Superior de Rondônia – FAAr – Faculdade associadas de Ariquemes, Psicóloga

Clínica, E-mail: mariadacosta@faar.edu.br

RESUMO: Viver o luto durante a infância é um processo influenciado pela maneira que os demais familiares vivenciam. A compreensão desse momento, está diretamente associado ao momento que a criança está vivendo a realidade desse sentimento. Esse estudo pretende analisar as implicações que a morte e o luto causados pela pandemia da Covid-19 representa para a saúde mental das crianças, além das mudanças comportamentais em âmbitos psicossociais. O estudo é uma revisão bibliográfica, tem como intuito contribuir com a comunidade científica, que

partindo das informações publicadas na literatura, identifica os comportamentos que são decorrentes da mudança imposta pela situação do luto em decorrência da pandemia. As principais conclusões evidenciam que o luto na criança não pode ser ignorado, isso implicaria a uma situação que poderá influenciar no seu comportamento e saúde mental.

Palavras-chave: Pandemia da Covid -19. Luto. Infância.

ABSTRACT: Living grief during childhood is a process influenced by the way other family members experience. The understanding of this moment is directly associated with the moment that the child is living the reality of this feeling. This study aims to analyze the implications that death and mourning caused by the Covid-19 pandemic represents for children's mental health, in addition to behavioral changes in psychosocial areas. The study is a bibliographic review, with the aim of contributing to the scientific community, which, based on the information published in the literature, identifies the behaviors that are due to the change imposed by the situation of mourning due to the pandemic. The main conclusions show that mourning in the child cannot be ignored, this would imply a situation that may influence their behavior and mental health.

Keywords: Covid pandemic -19. mourning. childhood.

INTRODUÇÃO

Falar sobre morte e suas implicações é um dos temas que é sempre negado, tanto pelos indivíduos que vivenciam como por aqueles que não vivencia, mas precisam lidar com essas situações, contudo, essa negação é potencializada quando se trata de crianças ou relacionadas a elas. Lamentavelmente esse assunto é pouco explorado, tornou-se um tabu em conversas com os adultos, ganhando força quando o contexto são as crianças, pois, habitualmente a infância e a finitude da vida são duas realidades bem diferentes. No entanto, nos últimos meses a discussão em torno da doença por Covid-19, morte e luto ganharam força e destaque.

E com o surgimento do primeiro caso de SARS-Cov-2 na China, na cidade de Wuhan, o mundo já começava a entrar em alerta para o que estava por vir. Em razão da alta taxa de transmissão e gravidade da doença, a Organização Mundial da Saúde- (OMS), recomendou que as intervenções comesçassem, com isso, o isolamento e distanciamento social.

Em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde, afirmou que a doença causada pelo Sars-CoV-2, tornou-se uma pandemia, ou seja, virou um caso de crise de saúde pública; o distanciamento social foi uma das mudanças, alterando a forma

de viver e se relacionar; situações que impacta a saúde mental das crianças, pois, elas têm experimentado perdas de algum parente ou até mesmo dos seus responsáveis, gerando assim uma crise que terá implicações no decorrer de toda a sua vida.

Não bastasse a perda desse parente, a criança ainda precisa se adaptar com as mudanças que envolvem o processo de despedida com o novo cenário; esse momento teve que ser ressignificado, pois, ganhou novo formato. E esses sentimentos são os mais variados, os familiares são invadidos por uma dor profunda quando acontece o fim da vida de um ente próximo, esse processo pode e deve ser compartilhado com a criança enquanto membro da família (PANAGIOTAKI, et., 2018). Porém, com algumas ressalvas.

A perda, a morte e o luto, torna-se uma situação complicada para a criança, tendo em vista, que muitos dos seus sonhos, projetos, são interrompidos, logo, é necessário estabelecer uma comunicação aberta e segura no contexto familiar. Esse contexto precisa oferecer espaço e tempo para a criança expressar sua tristeza, culpa, raiva, e o mais importante, que ela possa contar com pessoas que estão dispostas a ouvir e acolher (SOUZA; OLIVEIRA, 2018).

Os autores complementam que, nesse diálogo, é importante que o comunicador tenha um olhar atento e respeitoso ao desenvolvimento cognitivo e emocional, além de ser uma pessoa flexível, prudente e protetora (SOUZA; OLIVEIRA, 2018).

O objetivo do estudo é analisar as implicações que a morte e o luto causados pela pandemia da Covid-19 representa para a saúde mental das crianças, além das mudanças comportamentais no âmbito psicossocial delas.

O estudo é bibliográfico, tem como intuito contribuir com a comunidade científica, que partindo das informações publicadas na literatura, identifica os comportamentos que são decorrentes da mudança imposta pela situação do luto em decorrência da pandemia.

REFERENCIAL TEÓRICO

Temos um problema mundial com a pandemia da Covid-19. No Brasil, no mês de maio de 2021 foi criado o Projeto de Lei 1437/21, que instituiu o Programa Nacional de Apoio Social e Psicológico (Pronaspa). Programa esse destinado aos chamados

“órfãos da pandemia”, as crianças e adolescentes que perderam os pais/ou responsáveis para a Covid-19. Conforme o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicada-IPEA, temos 45 mil crianças e adolescentes que perderam o pai ou mãe durante a pandemia. Desse modo, essas crianças precisam de proteção psicológica e financeira.

Sendo que a Covid-19, é uma doença grave que acometeu muitas pessoas, gerando perdas em massa por um curto espaço de tempo, as dificuldades para realizar despedidas entre as pessoas na eminência da morte dificultam a experiência do luto. Para entender esse contexto de falar sobre morte, que não é um tema muito comum entre a cultura ocidental, convém, conceituar o que é luto. Para Freud (1917/2010, p. 171), luto é “[...] a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal, etc.”.

Expõe ainda que, o luto é esperado como um fenômeno natural, que tão logo passe um tempo, seja superado, contudo, ele faz uma ressalva, que esse momento seja vivido, impedi-lo seria prejudicial além de ser inapropriado. Esse momento, em termos psíquicos, se caracteriza por um abatimento doloroso, a pessoa perde o interesse pelo (mundo) externo. Desse modo, o trabalho do luto consiste, partindo do momento que o enlutado examina a própria realidade e compreende que o objeto amado não irá voltar mais. A saber que em se tratando de criança, essa capacidade de compreensão só acontece após o alcance do desenvolvimento de faixa etária operacional concreto, que segundo Piaget, inicia aos sete anos de idade (PIAGET apud NUNES, 1998).

A pandemia trouxe uma realidade nova nesse contexto do luto pela perda de pessoas queridas; por segurança, muitas despedidas não aconteceram, justamente pela situação da contaminação do vírus, desencadeando problemas mais profundos, sendo que, o fato de não se despedir causa a sensação de não ser real, dificultando mais ainda a elaboração e causando, sobretudo, algo difícil de ser encarado. Se com os adultos já é difícil, nas crianças as proporções são ainda maiores.

Além do que, a morte é algo nebuloso, mesmo sendo um estado transitório por quem passa, se não houver uma compreensão com quem está passando pode trazer implicações sérias.

Para compreender essa dimensão de elaboração desse processo, Bromberg (1998), ressalta, que existem alguns fatores que dependerá da idade, do vínculo com

quem faleceu, com a condição psicológica, e até mesmo de como as pessoas a sua volta lida com a morte.

Como as visitas a hospitais e os funerais foram restringidos, deve-se incluir a criança em todo o processo, desde o adoecimento até a possível morte. Comunique sempre com a criança, se possível convide-a a participar das visitas virtuais. Além do que, procurar sempre manter a criança informada em relação ao quadro clínico; em condição grave deve-se explicar para ela a possibilidade de morte, isso irá auxiliar gradativamente a compreensão dessa condição para que não seja pega de surpresa. Se houver o falecimento, que essa informação seja de preferência dada por alguém que tenha vínculo. É importante que a comunicação seja realizada com uma linguagem simples, compatível com a idade, de forma simples, verdadeira e objetiva, ou seja, sem fantasias.

Nesse sentido, a psicóloga Isabela Hispagnol, especialista em luto e mestre pelo Laboratório de Estudos sobre o Luto (LELu) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), afirma que:

Uma alternativa é devolver a pergunta à criança. Indagar o que ela está sentindo e pensando. Procurar fazer com que ela traga o conteúdo para ser trabalhado. Assim, é possível saber até onde ela quer ir e não ultrapassar esse limite, criando-se um espaço de conversa para ela poder administrar o sentimento que surgiu, mas sem trazer informações além do que ela consegue absorver naquele momento. “Não omitir é importante, mas responder de forma simples, sem ir além do que a criança perguntou, também é. Ser verdadeiro e objetivo, respondendo às perguntas enquanto aparecem. Sem deixar lacunas ou perguntas sem respostas”. (HISPAGNOL, 2017, s. p.)

Segundo Sengik e Ramos (2013), embora a perda do pai ou da mãe provoque um sofrimento muito grande na criança, é necessário falar; muitos acreditam que falar sobre o assunto aumentará o sofrimento, pelo contrário, contribui para amenizar. Os autores, destacam ser muito comum os adultos ocultarem, mentir ou até mesmo usarem frases do tipo “viajou”, “virou estrelinha”. Se isso ocorre, a criança tende a demorar muito para elaborar esse luto tendo em vista que, as crianças percebem quando algo está obscuro; ela consegue enxergar as pessoas tristes, como se existisse um segredo. Desta forma, a criança poderá deixar de acreditar no adulto.

Pode-se dizer que da mesma forma que a criança sente-se confusa e um sentimento de desesperança toma conta dela, ela acredita que não tem mais a quem recorrer (ABERASTURY, 1984).

No mesmo sentido, Kovacs (2002), ressalta que a criança possui uma capacidade enorme de observação, diante da negação do adulto em falar sobre a perda, com isso, pode manifestar outros sintomas, ela poderá se sentir confusa, desamparada. Logo, o adulto deve responder aos questionamentos das crianças, evitando assim o chamado eufemismo. Evitar falar sobre o assunto, corrobora para sentimentos de negação, abandono, pois ela precisa vivenciar o luto.

Segundo Kluber-Ross (1991, p. 18):

O fato de permitirem que as crianças continuem em casa, onde ocorreu uma desgraça, e participem da conversa, das discussões e dos temores, faz com que não se sintam sozinhas na dor, dando-lhes uma responsabilidade e luto compartilhado. É uma percepção gradual, um incentivo para que encarem a morte como parte da vida, uma experiência que pode ajudá-las a crescer e amadurecer.

Nesse contexto da elaboração do luto, o que torna fundamental é o papel afetivo dos familiares. Para Sengik e Ramos (2013), o amparo familiar é importante, visto que, a ausência da pessoa falecida é uma ameaça para as relações com as outras figuras com quem mantém vínculos.

Conforme, Torres (2002), é necessário ser prudente ao explicar para a criança, o assunto, pois, cada criança tem sua fase com as crenças próprias da idade; se não forem desfeitas pode ocasionar problemas futuros. Para entender melhor o processo de luto na infância, é importante o conhecimento do desenvolvimento maturacional da criança, só assim será possível a compreensão de como a morte é entendida em casa faixa etária. Piaget (1967), descreve quatro estágios do desenvolvimento da criança; (NUNES, 1998 apud TRAPP; SANTOS, 2018) fazem referência aos estágios citados pelo autor, onde se destacam os seguintes: O primeiro consiste no estágio sensório-motor que acontece entre zero e dois anos, o estágio pré-operacional (2 – 7 anos), o estágio operacional-concreto (7 – 11 anos) e operacional formal (11 – 12 anos). (PIAGET apud NUNES, 1998)

Para Piaget, esses estágios trabalham para que a criança identifique que a realidade está relacionada ao conceito de reversibilidade. No entanto, no estágio operacional concreto, elas são mais propícias a entender que alguns acontecimentos são irreversíveis, como a morte. Do mesmo modo, significa que dos cinco aos sete anos a criança passa a racionalizar o conceito de morte.

No entanto, a criança pode assimilar a perda de muitas maneiras, por meio da fala, do choro, do desenho e até mesmo da brincadeira. Nesse momento é importante

que o adulto pontue que a morte é um momento irreversível, explicando que a pessoa que morreu não irá voltar mais.

Quanto a abordagem do assunto, Hispagnol (2017, s. p.), aponta dicas como:

- convivência com animais de estimação;
- cultivo de plantinhas;
- desenhos animados, como Operação Big Hero e O Rei Leão;
- livros que de alguma forma tratem do assunto, como O coração e a garrafa.

Pode-se definir que esse pensamento ultrapassado que não se deve falar sobre a morte com as crianças, precisa ser desmistificado. Não falar sobre o assunto somente leva a criança a ficar distante de uma realidade que precisa ser vivida, precisa compreender que o ciclo da vida segue seu curso normal de desenvolvimento (RODRIGUES, 2018).

Segundo Shapiro (1994), apud Ramos (2006), entende-se que:

De todas as experiências de vida, a morte impõe os desafios adaptativos mais dolorosos para a família, como sistema, e para cada um dos seus membros, individualmente, com ressonâncias em todos os seus outros relacionamentos. A morte de um membro da família rompe o equilíbrio familiar e urge a necessidade de surgirem novos mecanismos para estabilizar a organização da mesma (SHAPIRO, 1994, apud RAMOS, 2006 p.10).

Compreende-se que o tema precisa ser vivenciado de maneira menos traumática. O acolhimento familiar aos membros abre espaço e possibilita a vivência do luto e simbolização correta da morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sistematizou alguns conceitos sobre o assunto, terminalidade, morte e luto no contexto pandêmico da Covid-19, principalmente envolvendo as crianças, objeto desse estudo. A experiência que as pessoas têm quando perde um familiar, interfere na estrutura familiar, e nos relacionamentos que estão vinculados a esse cenário. Cada um, vivência de maneira diferente, e as crianças têm à sua maneira também. O luto e as perdas para a Covid-19 abrem espaço para que esse assunto seja discutido, e as crianças expressem suas dúvidas, angústias e seus medos, sendo que elas precisam entender o que está acontecendo. É importante não ignorar o luto da criança, pois, implicaria impô-la a uma situação que ela desconhece e poderá influenciar no seu comportamento e saúde mental.

REFERÊNCIAS

BROMBERG, M. H. P. F. Cuidados paliativos para o paciente com câncer: uma proposta integrativa para equipe, pacientes e famílias. In M. M. M. J. Carvalho (Org.), **Psico-oncologia no Brasil: resgatando o viver** (pp. 186-231). São Paulo: Summus. 1998.

FREUD, Sigmund (1917). **Luto e Melancolia**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HISPAGNOL, Isabela. **INSPIRAÇÃO - quero ajudar como contar para uma criança que alguém morreu**. Disponível em: <http://vamosfalarsobreoluto.com.br/2017/10/09/como-contar-para-uma-crianca-que-alguem-morreu/>. Acesso em: 24 de jul. 2021.

KOVÁCS, Maria Julia. **Morte e desenvolvimento humano**. 4ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

KUBLER, Ross E. **Sobre a morte e o morrer**. Rio de Janeiro: Ed. Martins Fontes, 1991.

PANAGIOTAKI G, HOPKINS M, NOBES G, WARD E, GRIFFITHS D. CHILDREN'S **and adults' understanding of death: Cognitive, parental, and experiential influences**. *J Exp Child Psychol*. 2018; 166:95–115.

PIAGET, J. **A construção do real**. Rio de Janeiro: Zahar. 1967.

RAMOS, V. A. B. **O processo de Luto**. *Psicologiapt*. ISSN 1646-6977. 2016. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf>. Acesso em: 10 de nov. 2018

RODRIGUES, J.C. **Constantes e variáveis significacionais nos ritos e mitos associados à morte**. - Trabalho de conclusão de curso apresentado à Puc-Rio. 2016 Disponível em: http://compos.com.puc-rio.br/media/gt2_jose_carlos_rodrigues.pdf. Acesso em: 11 de nov. 2018

SENGIK, Aline Sberse; RAMOS, Flávia Brocchetto. Concepção de morte na infância. **Psicol. Soc., Belo Horizonte, v. 25, n. 2, pág. 379-387, 2013**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?>. Acesso em: jul.2021.

SOUZA AS, OLIVEIRA JH. A criança diante da morte: desafios. **Rev Estud Interdisc Psicol**. 2018;9(1):57–10

TORRES, Wilma da Costa. **A criança diante da morte: desafios**. 2ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

TRAPP, Edgar Henrique Hein; SANTOS, Lilya Sousa. A elaboração do luto na primeira infância: estudo de caso clínico. **Revista Ciência Contemporânea jun./dez.**

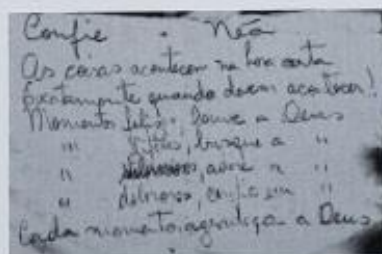
2018, v.4, n.1, p. 50 – 60. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/guaratingueta/revista.php?id_revista=31. Acesso em: jul.2021.

VILLA, Mirian. **Pandemia da Covid-19**: como falar com crianças e adolescentes sobre morte e luto. Disponível em: <https://paranaportal.uol.com.br/geral/pandemia-covid-como-falar-com-criancas-e-adolescentes-sobre-morte-e-luto/>. Acesso em: jul.2021.



Confie

*As coisas acontecem na hora certa
Exatamente quando devem acontecer!
Momentos felizes, louve a Deus.
Momentos difíceis, busque a Deus.
Momentos silenciosos, adore a Deus.
Momentos dolorosos, confie em Deus.
Cada momento, agradeço a Deus.*



Te amaremos para sempre !

Néa Mara da Costa e Silva Caieiro

** 10/11/1958 † 06/05/2021*



Biografias

***CURRÍCULOS
DOS AUTORES***





Amanda dos Santos Martins

Graduanda em Psicologia pela IESUR—Instituto de Ensino Superior de Rondônia – FAAr – Faculdade associadas de Ariquemes E-mail: amandadossantos@alunos.faar.edu.br



Daniela da Silva de Jesus

Graduanda em Psicologia pela IESUR—Instituto de Ensino Superior de Rondônia – FAAr – Faculdade associadas de Ariquemes E-mail: danieladasilvaa23@gmail.com



Gizelle Cristina da Silva

Pedagoga especialista em Orientação Educacional pela FIAR de Ariquemes; Especialista em Psicologia da Educação com Ênfase em Psicopedagogia Preventiva pela FACISA de Xaxim; Especialista em Neuropsicopedagogia Clínica pela FCV de Maringá; Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Interamericana de Ciudad del Este; Cursando Psicologia pela FAAr de Ariquemes. E-mail: gizellecs@hotmail.com



Gladston Kohnlein

Graduando em Psicologia pelas Faculdades Associadas de Ariquemes-FAAr-Ariquemes-Rondônia. E-mail: gladston405@gmail.com



Karina Castilho Campos Romanini

Graduada em Psicologia pela IESUR—Instituto de Ensino Superior de Rondônia – FAAr – Faculdade associadas de Ariquemes. E-mail: kstilhocampos@gmail.com



Maria Antônia Ramos Costa

Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Ariquemes-Fiar, Pós-graduada em Supervisão, Orientação e Gestão Escolar pela Faculdade Santo André e Mestre em Ciências da Educação pela Universidad Desarrollo Sustentable–UDS-Assunção/Paraguai. Tutora presencial do Instituto Federal de Rondônia – UBA/IFRO-Rondônia. Professora Docente do Programa de Mestrado e Doutorado da IPE- em parceria com a Amazônia University, Educação Cultura e Sustentabilidade-Estado da Flórida -EUA. ID Lattes: 2148215873821260. <https://orcid.org/0000-0002-7474-8359>



Maria da Costa Oliveira Soares

Docente do Ensino Superior em Psicologia pela IESUR—Instituto de Ensino Superior de Rondônia – FAAr – Faculdade associadas de Ariquemes, Psicóloga Clínica, E-mail: mariadacosta@faar.edu.br



Priscila Ferreira Martins

Graduada em Psicologia pela IESUR—Instituto de Ensino Superior de Rondônia – FAAr – Faculdade associadas de Ariquemes E-mail: ferreirapriscula602@gmail.com



Raquel Rodrigues dos Anjos

Graduanda em Psicologia pela IESUR—Instituto de Ensino Superior de Rondônia – FAAr – Faculdade associadas de Ariquemes E-mail: raqueldosanjos00@gmail.com



Valecir Ferreira da Silva

Graduanda em Psicologia pela IESUR—Instituto de Ensino Superior de Rondônia – FAAr – Faculdade associadas de Ariquemes E-mail: valecirferreira63@gmail.com



Vera Lúcia Pires de Oliveira

Graduanda em Psicologia pelas Faculdades Associadas de Ariquemes-FAAr - Ariquemes-Rondônia. E-mail: verapires97@hotmail.com



As Organizadoras



MARIA ANTÔNIA RAMOS COSTA



Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Ariquemes-Fiar, Pós-graduada em Supervisão, Orientação e Gestão Escolar pela Faculdade Santo André e Mestre em Ciências da Educação pela Universidad Desarrollo Sustentable–UDS-Assunção/Paraguai. Tutora presencial do Instituto Federal de Rondônia – UBA/IFRO-Rondônia. Professora Docente do Programa de Mestrado e Doutorado da IPE- em parceria com a Amazônia University, Educação Cultura e Sustentabilidade-Estado da Flórida - EUA. ID Lattes: 2148215873821260. <https://orcid.org/0000-0002-7474-8359>

MARIA DA COSTA OLIVEIRA SOARES

Docente do Ensino Superior em Psicologia pela IESUR—Instituto de Ensino Superior de Rondônia – FAAr – Faculdade associadas de Ariquemes, Psicóloga Clínica, E-mail: mariadacosta@faar.edu.br



Posfácio

A dor é algo inerente ao ser humano. Mesmo sendo algo tido como normal, não temos um arcabouço emocional de reserva para podermos enfrentar. Diante de um cenário de sofrimento generalizado, como nunca vivido por ninguém na contemporaneidade, a pandemia não trouxe somente um vírus, veio com ela também sofrimentos já presentes em nosso meio, como a violência e a dor do luto. Neste trabalho nossos acadêmicos do curso de psicologia puderam pesquisar sobre esses assuntos, trazendo para a comunidade científica e a todos interessados no tema, uma oportunidade de nos atentarmos para esses problemas que também podem ser considerados como uma questão de saúde pública, não sendo apenas regional, mas, nacional.

Maria da Costa Oliveira Soares – Psicóloga

Maria Antônia Ramos Costa – Professora



ISBN 978-65-995169-6-2



9

786599

516962



Editora
MultiAtual